

EMIGRANTES, BRASILEIROS E MAÇONS

«A Maçonaria é uma instituição essencialmente iniciática, filosófica, educativa, filantrópica e progressista»

A vivência emigrante no Brasil esteve fortemente marcada por diferentes formas de apadrinhamento de amigos e parentes protectores, as quais facilitaram a sua integração nas actividades comerciais por conta própria, nas organizações de cariz associativo beneficente (**Hospital da Beneficência**), Cultural (**Gabinete de Leitura**) e iniciático (Maçonaria), instituindo-o de aprendizagens, saberes, condutas, cuja expressão simbólica atravessou o Atlântico e se tornou visível os territórios de origem.

A «Maçonaria é um sistema sacramental, possuindo, tal como os sacramentos, um lado exterior e visível constituído pelo seu cerimonial, pela sua doutrina e pelos seus símbolos, o qual podemos ver e ouvir, e um outro lado interior, intelectual e espiritual, o qual está escondido por trás do cerimonial, da doutrina e dos símbolos e que só está para o Maçom» (W.I.W)

*«As lojas maçónicas, com seus nomes sugestivos (Caridade; Caridade e União; Perfeita Amizade; Esperança; Luz Brasileira; Igualdade e Beneficência; **Amor ao Trabalho**; Progresso, Trabalho e Honra; entre outros), funcionavam como importantes espaços de sociabilidade e convívio, influenciando no quotidiano tanto das cidades pequenas quanto das maiores.*

Nelas os grandes temas que mobilizavam a sociedade brasileira do período eram discutidos e novas práticas culturais eram aprendidas.

Talvez a mais importante, como aponta a historiadora Margaret Jacob, seja a crença de que o mérito e não o nascimento constituía o fundamento para a ordem social e político.

Através da imprensa, dos debates parlamentares, os maçons procuravam apresentar-se como herdeiros das "Luzes", como membros de uma organização filantrópica e dedicada à causa do progresso.

Procuravam afirmar a imagem da Maçonaria como uma escola onde se ensinava e aprendia as virtudes fundamentais: a liberdade de pensamento, a independência da razão, o auxílio mútuo.» (Alexandre Mansur Barata)



Ao centro de pé - acto fundador

António Gonçalves Guimarães (Presidente)

Fortunato de Freitas e Castro (Vice Presidente)

Bernardo Ribeiro de Freitas (primeiro secretário)

Albino de Oliveira Guimarães (segundo secretário)

José António Vieira de Castro (tesoureiro)

Luís António Rebelo de Castro (procurador)

Comissão de "brasileiros" maçons que dirigiu a construção do Hospital de Fafe e a aplicação de fundos recolhidos, na comunidade de fafenses do Rio de Janeiro Brasil



Lúcia Sanson, neta do Barão de Oliveira e Castro no Pavimento em mosaico de quadrados pretos e brancos no átrio exterior da Sociedade Portuguesa de Beneficência - Rio de Janeiro, com grande significado maçom.

Um conjunto significativo de símbolos identificáveis com a Maçonaria, existentes, tanto em Fafe, como no Brasil, levou-nos a concluir que grande parte dos emigrantes no Brasil foi aprendiz, oficial ou Mestre nas lojas

maçónicas do Rio, associado ou dirigente das beneficências e dos clubes de leitura das cidades brasileiras e, alguns deles, por serem senhores de grande fortuna, participaram, generosamente, das iniciativas filantrópicas.

Sabemos que as primeiras iniciativas da administração Liberal em Fafe, nomeadamente a construção do Cais da Arcada, em 1838, do Cemitério em 1855 e outras obras de natureza pública, tal como a canalização de água potável para a cidade, a Casa da Cadeia e o planeamento urbano da Feira Velha e do Hospital, têm a marca da presença de emigrantes de retorno.

Dos textos deliberativos municipais depreendemos que as mesmas são fortemente inspiradas no ideário civilizador dos Maçons locais.

Neste contexto, destacaram o Conselheiro Ferreira de Melo, **José António Martins Guimarães, José Florêncio Soares, Manuel António da Cruz, José Alves de Oliveira Bastos, Fortunato de Freitas e Castro, António Dias Gonçalves, Joaquim José Gonçalves de Castro**, Francisco Joaquim Teixeira Chaves, **Joaquim Magalhães Bastos, Joaquim José Gonçalves de Castro, José Luís Mendes de Oliveira Castro, Joaquim Mendes de Oliveira Castro.**

Em 1858, o retorno a Fafe é absolutamente explícito e, dado que, a grande maioria dos emigrantes, marca a sua chegada com iniciativas económicas, sociais, culturais, políticas e filantrópica, percebendo-se, por isso, qual foi o ciclo emigratório e de retorno das pessoas e dos capitais.

Entre 1860 e 1924, contam-se, de entre essas marcas, casas particulares; o Hospital, 1860; Escola de Instrução Pública, Conde Ferreira, 1866; Irmandade de São José ou da Misericórdia, 1862; Escola de Instrução Pública António Joaquim Vieira Montenegro, Travassós, 1874; Asilos de Inválidos de Santo António, 1906; Companhia de Fiação e Tecidos do Bugio, 1873; Asilo de Infância Desvalida 1877; Companhia de Fiação e Tecidos de Fafe, 1886; Passeio Público no Jardim do Calvário, 1892; Escolas de Instrução Pública Deolinda Leite, 1892; Igreja Nova de São José, 1895; o Hotel Central e Hotel Fafense, etc.

ESPAÇOS E SÍMBOLO MAÇONS

Nas fachadas, pavimentos, clarabóias, cemitérios e tectos são visíveis algumas das expressões ideológicas dos brasileiros de retorno como integrantes da maçonaria.

NA ARQUITECTURA

Nas fachadas das casas, onde as três ordens arquitectónicas estão presentes os três graus da loja e nas clarabóias: sabedoria, força e beleza

O CEMITÉRIO de Fafe

Os túmulos dos membros da Maçonaria de Fafe encontram-se localizados a Norte, no fundo da Avenida principal e ruas adjacentes, em túmulos que se distinguem por apresentarem Bustos encimando altas colunas ou referência simbólicas racionalistas, como obeliscos, expressando a liberdade de pensamento, de independência da razão..

Os membros da Irmandade Maçónica situam-se no lado Norte do cemitério a em distintos lugares, correspondendo, cada uma das posições, a distintas significações simbólicas dos pontos cardiais e colaterais da rosa-dos-ventos.

A ESTRUTURAÇÃO DA PRAÇA DA QUEIMADA - ACTUAL JOSÉ FLORÊNCIO SOARES

A Praça José Florêncio Soares, recebe três edifícios colocados no vértice das três pontas desenhando um figura geométrica triangular e inscrito sobre outra figura geométrica - um quadrado - com evidente significado simbólico Maçom:

Os vértices do triangulo simbolizam a Fé, Esperança e a Caridade, correspondendo a cada um deles: à Igreja Nova de São José, Fé; o Tribunal, à antiga cadeia/hoje tribunal; a esperança; ao Hospital de são da misericórdia, a caridade.

O Brasil e o 5 de Outubro de 1910

"Entre 1909 e 1910, as páginas de Ilustração Portuguesa acompanhavam a par e passo todos os importantes acontecimentos do Brasil e relatavam, com orgulho, as movimentações da Armada Brasileira no Rio Tejo.

No dia 1 de Outubro de 1910, atracou no Tejo, em frente ao Palácio das Necessidades, o navio São Paulo, que trazia a bordo o Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil, Marechal Hermes da Fonseca. Dia 3 de Outubro, este foi convidado pelo rei D. Manuel para um jantar em sua honra. Nessa mesma noite, reuniram-se os conspiradores e saíram à rua para estabelecer as posições finais que viriam a dar a vitória à república.

Depois do jantar, Hermes da Fonseca já não recolheu ao seu quarto, encaminhou-se para o seu navio e daí assistiu à revolução que se prolongou por dois dias. Ao seu lado estava o Adamastor que bombardeou o Palácio das Necessidades. Quando neste barco, no dia 5 de Outubro, se hasteava a bandeira verde e rubra o São Paulo respondeu com uma salva de 21 tiros – esta atitude ficou inscrita no diário de bordo como um erro.

Rocha Martins não acreditou em coincidências... e referiu-se à Maçonaria: Hermes da Fonseca era membro desta Ordem e muito respeitado pela Maçonaria Portuguesa. Ou seja, este autor pensou que havia intervenção da Maçonaria e apoio do governo brasileiro perante a Revolução Republicana Portuguesa. Não poderemos agora confirmar esse apoio pois quando nos referimos à preparação de uma conspiração os documentos são raros ou inexistentes.

Já no Brasil, o Apostolado Positivista criticou Hermes da Fonseca por não ter reconhecido imediatamente a República Portuguesa, ao que ele respondeu: "Não podíamos bruscamente romper as óptimas relações com Portugal e muito principalmente nos dois últimos reinados. [...] Não devíamos pois, dar ensejo a que pudessem interpretar de um modo pouco honroso para o nosso país, uma atitude que só nos poderia ser desfavorável". Decorridos todos estes anos não conseguiu este presidente brasileiro escapar a essa possível interpretação."

***in* O Brasil e o Movimento Republicano Português, 1880-1910. Luísa Maria Gonçalves Teixeira Barbosa**